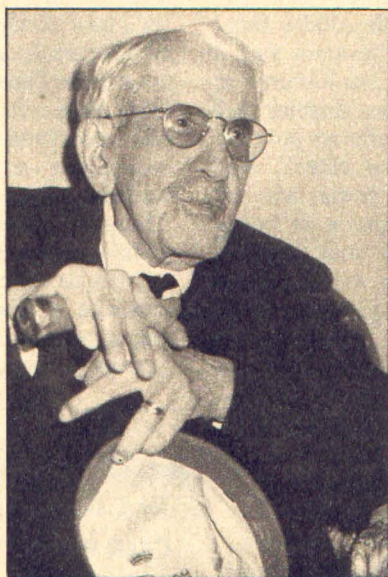


O conservador da legalidade

O advogado que virou herói da esquerda

Há poucos conservadores tão declarados como o advogado Sobral Pinto. Em matéria de política, seu elitismo chega a ponto de classificar a Constituinte como um desastre, entre outras razões porque em seu plenário se reúnem “homens de favela que estão em busca de seus pequenos interesses. O que essas pessoas podem dar como contribuição ao país?”, pergunta. Sobral não é contra o feminismo — ele simplesmente acha que as mulheres deveriam ser mandadas de volta à escola para ser reeducadas com base no cristianismo e abandonar seus empregos, retornar à vida doméstica e cuidar do marido e filhos. “Um dia elas se convencerão de que são diferentes dos homens, têm a voz mais suave e dispõem de menos força física”, afirma o advogado, que também é favorável à manutenção de um duro serviço de censura sobre as peças de teatro e as novelas de TV. “O poder público tem o dever de impedir a imoralidade sob todos os seus ângulos”, diz. Aos 94 anos, setenta de carreira, o conservador Heráclito Sobral Pinto é uma pessoa que odeia o comunismo — mas mesmo assim é um herói à esquerda e estranho no ninho à direita.



Sobral: “Um desastre”

A grande peculiaridade de Sobral Pinto é esta: trata-se de um raro representante do conservadorismo capaz de combinar suas próprias idéias com a defesa das liberdades públicas — mesmo quando o que está em jogo são as opiniões dos outros. Dessa forma, num país onde os conservadores costumam atravessar as margens da legalidade ao sabor das próprias conveniências, Sobral construiu uma carreira em linha reta. Em janeiro de 1964, depois que as tropas do Exército foram usadas numa invasão da Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, escreveu ao comandante do I Exército, general Armando de Moraes Âncora, uma carta em que denunciava: “Começou ontem, sob proteção abusiva e violenta de tropas do

Exército, suspeitas e sem comando, a revolução bolchevique brasileira”.

Dois meses depois da deposição de João Goulart, o general Costa e Silva declarou, numa entrevista, que o movimento de março havia estabelecido, no Brasil, um “governo do povo, para o povo e pelo povo”. “O Ato Institucional fez o governo representativo”, acrescentou o general. Inconformado, Sobral Pinto, que apoiou a conspiração contra João Goulart, lhe enviou uma carta dura. “Vossa excelência mostrou que não tem a menor noção do que seja ditadura, apoio do povo e do que seja governo representativo”, disse o advogado na correspondência. “Saiba vossa excelência que estamos sob o domínio da primeira ditadura, que procura apenas disfarçar-se.”

A particularidade do conservadorismo de Sobral reside, sobretudo, nessa postura. Seu limite é o do respeito à lei. Advogado de Luís Carlos Prestes sob a ditadura do Estado Novo, em 1937 Sobral Pinto chegou a esmurrar um tenente da Casa de Correção, no Rio, que tentou impedi-lo de visitar seu cliente — a briga foi tamanha que acabou preso e só pôde voltar para casa depois de pagar fiança. Promotor no

caso dos 18 do Forte de Copacabana, em 1922, Sobral batalhou para que não tivessem direito ao habeas-cópus, negando essa medida até mesmo ao então tenente Eduardo Gomes.

Conservador extremado, se fosse cidadão americano e, por acaso, o presidente Reagan resolvesse indicá-lo para a Suprema Corte, correria o risco de sofrer um processo de impeachment por demência. Brasileiro, o conservador Sobral chegou a ser preso em 1968 — o regime instaurado por uma conspiração de direita tornou-se estreito demais até para um conservador de sua estatura. “Coronel, não existe democracia à brasileira”, disse o advogado no momento em que foi detido. “Só existe peru à brasileira.”